

## PIZA VOADOR

*“As imagens de leveza que busco não devem,  
em contato com a realidade presente e futura,  
dissolver-se como sonhos...”*

*Italo Calvino*

Sigo uma das lições da obra de Arthur Luiz Piza, e mergulho na intimidade de um cotidiano familiar, pontuado por uma obra sua, realizada em 1999. Trata-se de uma aquarela-colagem intitulada “Voador”, feita especialmente para atender o meu pedido de doação, na época de concepção de meu trabalho “Doador”. Naquela ocasião, escrevi uma carta e enviei a amigos e conhecidos de vários lugares, solicitando a doação de um objeto, cuja palavra de designação contivesse o sufixo dor. Para minha surpresa e alegria, o destinatário Piza tornou-se um remetente. Aberto o invólucro, percebi a generosidade do amigo-artista, corporificada em superfície recortada, território pigmentar de uma decolagem aquosa.

Não agreguei este objeto ao rol dos duzentos e setenta outros que formaram o corredor. Por qual razão? Porque este não era um objeto do cotidiano. Porque ali havia uma produção especial que me fez guardá-lo em segredo. Entretanto, conceitualmente, ele sempre fez parte do trabalho, assinalando na ausência a sua presença. O nome do doador Piza e o do objeto “Voador” constam da série de placas que também constituem “Doador”. Para qualquer um que perguntasse sobre a localização de tal objeto, um movimento lateral de braços me era suficiente para responder. Até hoje, todos compreenderam. Trata-se também aqui de um vôo da razão sensível, em objeto não identificável.

Todo trabalho de Piza é voador – atravessa espaços, percorre e diminui distâncias. Como um disco voador, arrisca flutuações, após ferir a serenidade do branco do papel, do gesso ou de outras superfícies onde atua. Seu vocabulário de trabalho incorpora sua situação geográfica, em um ir e vir constante, na busca de uma origem, onde reinventa-se destinos, valorizando escolhas íntimas.

Piza, nasceu em São Paulo em 1928. Chegou em Paris em 1951, onde fixou residência em 1955. Desde então, dedicou-se a uma elaboração acerca de trajetos. Talvez o primeiro deles seja o do navio Louis Lumière, no qual fez a sua travessia de iniciação - do Brasil à França - em busca de um outro possível: outro lugar, outras pessoas, um outro si-mesmo, esboçando assim os enigmas que interpelam o ato de criação. Nas proposições de Piza, há sempre um forte contato entre o antes e o depois, entre o que já foi realizado e o que esta para vir, entre o lado de cá e o de lá do Oceano Atlântico. Se foi pelo mar que surgiram as marcas de uma passagem, é pelo ar que ele constrói as estruturas formais de seu trabalho. Seja nos processos das obras gráficas, seja nas pinturas ou nos relevos, o interstício entre planos transforma as situações das obras. São criados os nichos para o pigmento, são estruturados os aconchegos para a cor. As zonas de sombra

são delineadas pelo corte das superfícies, e pela dança invertida entre altos e baixos relevos, quando o branco do papel recusa qualquer mácula pigmentar.

Perto da porta de entrada de seu apartamento em Paris, lembro ter visto uma espécie de pergaminho esgaçado, suspenso e preso à parede, como documento corroído pelo tempo, impregnado de marcas e signos de alguma cultura que eu não saberia identificar agora. E nem é o que importa. Pois o que vale assinalar é que, em pequeno recorte da arquitetura residencial, há um miolo de memória a sinalizar o olhar do artista. Os espaços ausentes do tecido desenhavam constelações. E é isso que faz, ao meu ver, Arthur Luiz Piza em sua prática desenvolvida a tantos anos. Ele promove distintas galáxias. E se ele nos indica seu ponto de visão através de paisagens constelares, podemos reconhecer uma vista aérea em cada um de seus trabalhos. Geografia da Terra, corpos celestes ou detalhes do corpo humano, em tecidos epiteliais com seus acidentes físicos e células em proliferação, sem fronteiras definidas.

Não há possibilidade de contorno quando se trata de diluições. O escorrimento do tempo está presente na macia passagem de tons das superfícies recortadas. As interrupções, provocadas pelo recorte, são provisórias. O espaço de afastamento entre as formas propiciam um deslize, onde o peso do mundo adquire leveza e delicadeza.

No salto para o espaço, os múltiplos planos revelam a capacidade de transfiguração de um campo de pouso para êmbolo, como se a fina folha de papel pudesse adquirir força suficiente para tornar-se alavanca às nossas divagações. Piza reconhece-se no ato de escorregar entre espaços, no gesto de esconder para fazer reaparecer. “Muito de mim está nesse cobrir, nessa espera da surpresa, do reaparecer, na esperança que surja um outro”, diz o artista. “É como o gato que esconde o camundongo debaixo do tapete para ter a surpresa dele, a de agarrá-lo na saída. Muito de mim é esperar que algo aconteça, mas existe uma necessidade que vai se acumulando, vai empurrando o acontecer. É quase biológico. Estranha alegria esta de dar flor, esta integração dentro do tempo, como se ele fosse infinito, ou como se já não existisse. Sentir-se diluído dentro do tempo”

Há, no entanto, desassossego nos gestos insistentes de Piza. Sua experimentação constante traduz também o espírito inquieto que o move e o faz deslocar-se em arquipélagos. Piza está a criar sua ilha desconhecida. Aliás, este é o título do conto de José Saramago que, em recentes edições brasileiras, trás as aquarelas-recortes deste artista na capa e no corpo do livro. No entrecruzamento de idéias ali contidas, está a do afastamento necessário: é preciso sair da ilha para ver a ilha. Por conseqüência, não nos vemos se não saímos de nós, é o que diz o autor português. Pois aqui está o ponto limite da obra de Piza: a criação da possibilidade de enxergarmo-nos diferentes nos iguais que somos no sonho de eternidade.

Navegar é preciso. Planar também.

Elida Tessler  
Artista plástica